A vida em movimento no contexto do novo coronavírus: narrativas biográficas de mulheres negras

Amadeus Rocha Morais[1]

Camila Cristian Contão[2]

Emanuelly Paula Rosa Cândido[3]

Maria Clara Régis[4]

INTRODUÇÃO

MMERE DANE *- Símbolo adinkra dos povos axante*

livremente traduzido como "o tempo muda"

É fato que a pandemia da COVID-19 causou mudanças na vida de milhões de pessoas no mundo inteiro. E com o avançar da doença ficam evidenciadas as diferentes formas como a pandemia impacta as populações e os distintos grupos sociais. Caminhando para o período de um ano[5] desde a descoberta da enfermidade e de quase dez meses de isolamento social desde que diagnosticado o primeiro caso no Brasil, já é possível como a COVID-19 tem afetado os diferentes estratos da sociedade brasileira e, em parte, em função da negligência do Estado.

Vive-se um verdadeiro desastre em termos de controle da pandemia e isso em face de um governo que gere uma crise deste porte de forma suicida, como posto por Vladimir Safatle: "Um estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo de sua própria catástrofe, ele é o cultivador de sua própria explosão" (SAFATLE, 2020). O governo federal, desde o começo da pandemia, tem optado por intensificar uma política de morte, sendo que, para isso, propagou um falso dilema entre salvar vidas ou salvar a

---

[1] Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/ UFMG). Contato: amadeusrm@gmail.com.

[2] Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/ UFMG). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/ UEMG). Contato: ccontao@gmail.com.

[3] Graduanda em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/ UFMG). Contato: mariaclararegis88@gmail.com.

[4] Graduanda em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/ UFMG). Contato: emanuellypaulaa@gmail.com.

[5] Em novembro de 2020, momento de finalização da escrita deste ensaio

economia e, assim, optou por não agir em prol de conter o avanço da doença, isto é, deixando de apoiar e promover medidas de isolamento social, preconizadas por cientistas do mundo inteiro e adotadas em grande parte dos países afetados. Pelo contrário, minimiza publicamente a gravidade da doença, estimula aglomerações e ridiculariza as barreiras de proteção do contágio.

Ainda em seu artigo, Safatle (2020) afirma, de forma mordaz, que o já citado falso dilema preconizado por representantes de elites, enquanto "arautos da racionalidade econômica" não é recente, estando presente no cotidiano brasileiro desde o período colonial. A colonização, em sua estratégia de dominação, instaura um processo de desumanização direcionado a reificar africanos escravizados e indígenas. Um processo de poder desigual que se acumula a mais de 500 anos - não sem luta e resistência - imaginários e ações na história deste país e que vem se repetindo ao longo dos tempos, reafirmando o racismo estrutural e estruturante presente em nossa sociedade.

Muitos são os dados que demonstram esse processo produtor de desigualdades. Apesar de a população negra corresponder a 55% da população brasileira[6], ela representa 75% dentre a população mais pobre, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019. Em termos de renda média, tem-se: R$1.673 para pretos, R$1.719 para pardos e R$ 2.999 para brancos[7]. Além disso, o desemprego entre pardos e pretos é de 15,4% e 17,8%, respectivamente, bem maior do que a média da população que é de 10,4%[8]. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostras à Domicílio - PNAD Contínua Educação 2019[9], brancos têm escolaridade superior aos negros (8,6 anos entre negros e 10,4 anos entre os brancos), enquanto que os negros são a maioria dentre os analfabetos, representando 8,9% na população com 15 anos ou mais e 27,1% na população com 60 anos ou mais em comparação a 3,6% dos brancos com 15 anos ou mais, e 9,5%, e com 60 anos ou mais. De acordo com dados da Síntese de Indicadores Sociais 2019 do IBGE acerca do acesso ao ensino superior por jovens de 18 a 24 anos, jovens brancos correspondem a 36,1%, frente a 18,3% dos negros[10], considerando o impacto da Lei Federal de Cotas 12.711/12. Segundo o Atlas da

[6] Disponível em https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado
[7] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos
[8] Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/16/desemprego-pandemia-negros.htm
[9] Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf
[10] Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/06/taxa-de-jovens-negros-no-ensino-superior-avanca-mas-ainda-e-metade-da-taxa-dos-brancos.ghtml

Violência de 2020, 75,7% das vítimas de homicídio eram negras. Em todas as variáveis, as maiores desigualdades atingem principalmente as mulheres negras, que são a maioria entre as mais pobres.

Em uma sociedade demonstradamente tão desigual e estruturalmente racista como a brasileira, já era esperado que uma pandemia, como a do novo coronavírus, afetasse mais significativamente a população negra, visto que essa população tem apresentado número elevado de casos, maior grau de letalidade e menores condições de isolamento social e possibilidades de tratar-se adequadamente. Em consonância a isso, o Sistema Brasileiro de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe[12]) confirma o maior risco de morte por COVID-19 entre pardos e pretos.

Nessa mesma perspectiva, a desigualdade racial, no contexto do novo coronavírus, afeta não somente a saúde física das pessoas negras, mas também prejudica o seu bem-estar psicológico. Segundo pesquisa do Grupo de Trabalho Racismo e Saúde, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), durante pandemia da COVID-19, os negros e negras sofreram mais psicologicamente que os brancos e brancas. De acordo com a investigação, isso ocorrepois os indivíduos negros são os que mais morrem com a doença, logo seus familiares precisam lidar com o luto de forma mais constante do que de pessoas de outras raças ou etnias. Um estudo recente que analisou boletins epidemiológicos aponta maior hospitalização da população branca, porém, a maior letalidade da COVID-19 tem afetado a população negra (SILVA *et.* al., 2020).

Assim, é emblemático[13] confirmadas pela nova doença tenha sido justamente a de uma empregada doméstica, Dona Cleonice, mulher negra, de 63 anos de idade, que teve contato com sua patroa, recém chegada da Itália, país que à época registrava alarmantes números de contágio e morte.

Sobre sua história de vida, pouco sabemos. Apenas o que é narrado em algumas reportagens e matérias em veículos de mídia, nas quais o relato de pessoas próximas nos dão indícios de como era a sua vida. Nas palavras de seu sobrinho, Lucas Gonçalves: "*Uma pessoa muito batalhadora, que trabalhava de doméstica desde os 13 anos de idade, para dar tudo de bom para o filho, para ajudar a família desde cedo. Sempre foi muito companheira, sempre procurou ajudar todo mundo, sempre trabalhou muito para ajudar a gente.*". Dona Cleonice

---

[11] Disponível em: https://forumseguranca.org.br/
[12] Disponível em: http://plataforma.saude.gov.br/coronavirus/dados-abertos/
[13] Fonte: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/22/uma-pessoa-muito-batalhadora-diz-sobrinho-de-empregada-domestica-que-morreu-de-coronavirus.ghtml

representa uma ampla e diversificada miríade da população que pode ser entendida como base da sociedade brasileira: a mulher negra. Sua história, infelizmente, com desfecho trágico, traz conexões com as de inúmeras outras mulheres negras no nosso país.

Nesse contexto, o presente trabalho aborda as histórias de vida de três mulheres negras no cenário da pandemia: Maria, Ana e Ariane. Procuramos investigar e refletir, a partir de uma perspectiva étnico-racial, sobre como estão lidando com as bruscas alterações em suas vidas, por intermédio de seus próprios relatos. Com base nesses três casos, pretendemos chamar a atenção para os desafios dessa parcela da população, especialmente nos momentos de crise.

A escolha pelo trabalho com relatos biográficos apresenta-se como uma forma de mostrar a história dessas mulheres, entender a conexão de suas vivências e, também, as suas especificidades, além de valorá-las, entendendo-as como agentes de reconhecimento e interesse acadêmico. Assim, procuramos também para serem contadas no contexto pós-pandemia, quais desafios estão sendo impressos nas trajetórias de vida marcadas pelo isolamento social e de que maneira essa informação alcançará os espaços educativos, mais uma importante ambição deste trabalho.

A inclusão de reflexões a partir da perspectiva étnico-racial nas escolas e universidades brasileiras é imprescindível na constituição da proposta de educação antirracista, democrática e de qualidade. Além de ser uma obrigatoriedade do currículo educacional brasileiro, conforme previsto na lei 11.645/08, que modifica a lei 10.639/03 e altera a lei 9.394/96, que determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena na educação básica. Os relatos registrados em nosso trabalho possuem um recorte racial e de gênero, sendo importantes instrumentos de reflexão sobre como as desigualdades raciais e sociais influenciam na saúde, no enfrentamento da pandemia e nas estratégias acionadas para sobrevivência.

O potencial educativo, que também buscamos com esse trabalho, tem suas motivações e origens em 2019, na disciplina "Educação para as relações étnico-raciais e a questão racial na escola", a qual integra a Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais: História da África e Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Para o trabalho final daquela disciplina, entrevistamos nove pessoas e, por meio das narrativas disponibilizadas, construímos um espaço-tempo de interação que estimulasse sensibilidades descolonizadas (HALL, 2013), o que culminou na Exposição BOA ME NA ME MMOA

WO: VER-ME E ENCONTRAR-ME (figura 1). O título refere-se ao adinkra, de mesmo nome, que simboliza a cooperação e interdependência. Para compor aquela proposta, também, apropriamo-nos da que simboliza a importância de aprender com o passado, uma vez que os adinkras, sistema simbólico criado pelos povos akan, constituíram os elementos daquela exposição, a partir da proposição de trabalhar a cultura africana e afrodiaspóric. Somamos outros elementos na composição do cenário da exposição: a forma circular, a oralidade e ainda a provocação dos sentidos por intermédio de chás e disposição de ervas aromáticas pelo espaço.

Figura 1 - Adinkra Boa Me Na Me Mmoa Wo
Fonte: http://www.adinkra.org/htmls/adinkra/boame.htm

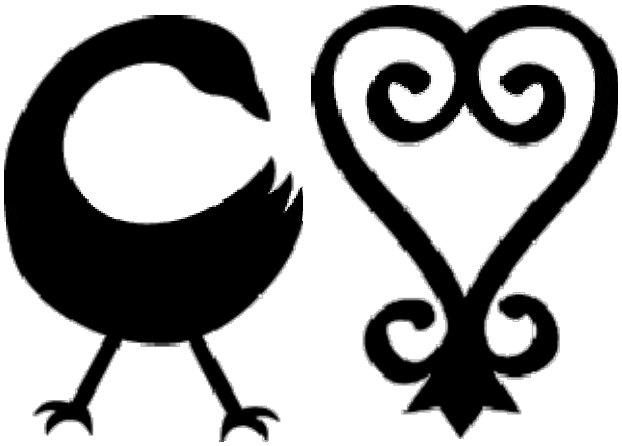

Figura 2 - Variações do Adinkra Sankofa - "Volte e Pegue".
Fonte: http://www.adinkra.org/htmls/adinkra/sank.htm

Aquele trabalho reverberou em nós o desejo de continuar com o trato das relações étnico-raciais a partir de biografias. Por isso, para a Chamada PRAE-DAC 005/2020, a qual visa propor a reflexão sobre o que se movimenta em meio a pandemia, optamos por manter o contato com as pessoas entrevistadas anteriormente e revisitar as biografias por intermédio de questionamentos sobre a COVID-19, o isolamento social e a rotina dessas pessoas.

Desse diálogo, contávamos com biografias de sete mulheres negras moradoras de diversos locais de Belo Horizonte e região metropolitana, contudo, devido às inconstâncias de agenda e tarefas, somente conseguimos contato e participação neste ensaio de três delas. Essas três mulheres negras, que residem em Belo Horizonte, Ribeirão das Neves e Santa Luzia, têm idades variadas: 20 anos, 36 anos e 60 anos. Uma estudante de Teatro, uma assistente administrativa e mestranda em Educação e uma salgadeira e comerciante. Ariane, Ana e Maria, respectivamente, autodeclaram-se negras, heterossexuais, sendo duas solteiras e uma casada.

Para o ensaio, escolhido por seu teor crítico sobre um determinado assunto, em conjunto com as biografias, gênero textual que narra fatos particulares da vida de uma pessoa ou personagem, trazemos de forma complementar a ideia do MMERE DANE (figura 3), um dos símbolos adinkra, que representa, em uma interpretação livre, "o tempo muda". Elenos diz da inconstância da vida e de que a mudança é um movimento inerente a ela, fazendo parte de sua dinâmica.

Figura 3 - Adinkra MMERE DANE - "O tempo muda".
Fonte: http://www.adinkra.org/htmls/adinkra/mmere.htm

Assim sendo, o nosso ensaio objetiva trazer disponibilizados, relacionando-os ao impacto da crise sanitária na vida de mulheres negras. Além de compreender quais foram as mudanças ocasionadas no cotidiano das entrevistadas durante a pandemia da COVID-19. Em síntese, desejamos apontar os principais desafios enfrentados por essas mulheres, pela via da produção ensaística, preocupando-nos com as particularidades das dimensões raciais e sociais

que impactam cada indivíduo.

Este ensaio está organizado em três tópicos em caráter descritivo, apresentaremos o desenvolvimento da proposta, bem como os desafios que foram surgindo em cada etapa e a maneira como o grupo lidou com esses desafios. No segundo, apresentamos a interlocução das reflexões realizadas pelo grupo com as narrativas das entrevistadas e os autores com os quais dialogamos e, as considerações finais, e também um anexo com mais elementos da narrativa dessas mulheres.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Para iniciar o desenvolvimento da nossa proposta, estabelecemos um cronograma de atividades e reuniões, considerando as ações que seriam realizadas pelo grupo. Criamos uma tabela de contatos das nove pessoas a serem entrevistadas para garantirmos o acesso descentralizado por parte do grupo às convidadas. Sendo assim, entramos em contato por telefone e via mídias sociais como: e-mail, *Whatsapp* e *Instagram,* após o aceite de cinco mulheres, enviamos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que especificam os termos de apresentação e asseguram as participantes quanto ao uso das informações para fins de pesquisa, também, os Termos de Autorização de uso de imagem, áudio e narrativa, que nos possibilita o uso das entrevistas para fins de pesquisa e material audiovisual. Concomitante a esse processo, foi produzido o roteiro de entrevista semi-estruturada a ser realizada.

Optamos por realizar entrevista semi-estruturada, na qual, conforme Minayo (2010), o entrevistador dispõe de um roteiro pré-estabelecido para guiá-lo durante o processo, mas não precisa segui-lo rigorosamente. Portanto, consideramos a construção do roteiro da entrevista que abrangesse a temporalidade que tem como marco principal a crise sanitária, ou seja, passado recente anterior à pandemia, presente vivência do contexto pandêmico e prospecção de futuro pós-pandemia. Buscamos compreender aspectos da rotina e planejamento anterior à pandemia e o que mudou significativamente mediante o contexto de crise sanitária, bem como as perspectivas sobre as ações governamentais e as expectativas de um contexto pós-pandemia.

Com a agenda de entrevistas e roteiro construídos, seguimos para preparação com leitura de textos que nos ajudam a pensar o relato e a narrativa, e o entendimento da construção do outro. A fundamentação teórica usada recorreu às formulações de relatar a si mesmo (BUTLER, 2015), a construção do outro (MORRISON, 2019), a perspectiva afrogênica (WALKER, 2018), o estereótipo, fetichismo e discurso colonial (BHABHA,

2013), colonialismo e outras formas de existência (KRENAK, 2019). Nesse cenário, apreendemos conceitos essenciais para construir esse ensaio e para compreender as mesmo com todas as particularidades de cada uma delas, vários aspectos são comuns à população negra, principalmente feminina.

Após essa etapa, optamos por dividir as tarefas em pares para que ocorressem as entrevistas concomitantemente à escrita textual. A realização de entrevistas ocorreu durante os meses de agosto e setembro, de acordo com a disponibilidade das participantes. Nessa etapa, contamos com a participação de duas integrantes do grupo enquanto outra dupla iniciava a escrita do ensaio. Na coleta de dados, as gravações foram realizadas por meio de extensões de navegador com finalidade de registro das reuniões virtuais com as participantes. Para as transcrições dos relatos, definimos que cada um dos integrantes faria a transcrição de uma entrevista, considerando os textos e discussões realizados até aqui, além de ser uma oportunidade para aqueles que não realizaram essa etapa familiarizassem-se com os relatos.

Dessa forma, do relato à narrativa há um caminho no qual o relato biográfico refere-se à fala das mulheres quando interpeladas, já a narrativa refere-se ao que construímos a partir de seus relatos. Considerando que a partir das transcrições originais de cada entrevista produziu-se um material de grande volume, fizemos uma seleção de trechos e tratamos o texto no sentido de retirar repetições presentes e comuns no registro oral, mas que ao passar para o texto escrito poderia confundir o/a leitor/a, bem como suprimimos trechos para contemplar os pontos focalizados enquanto escolha metodológica para a produção ensaística.

A escrita do ensaio aconteceu em formato colaborativo com o uso de ferramentas de texto on-line como proposta de que todos do grupo realizassem e acompanhassem a produção. Muitos instrumentos digitais foram utilizados como: armazenamento de arquivos de entrevistas, transcrições, textos e toda produção escrita em nuvem, plataformas de videoconferência (*Zoom*, *Google Meet*), aplicativos de mensagem instantânea, extensões de navegador, transcrição on-line seguida de correção, e, ainda, foram realizadas uma série de reuniões do grupo em que foram utilizadas as mesmas plataformas de videoconferência.

O grupo enfrentou diversos desafios no percurso da proposta, mas todos foram contornados e não impediram a realização do trabalho. Um deles diz respeito à disponibilidade das convidadas, das nove pessoas contactadas, cinco mulheres disponibilizaram-se inicialmente para participar das entrevistas. Todavia, alguns ajustes de agenda e empecilhos, tais como algumas das sujeitas trabalharem em serviços considerados essenciais durante o período de isolamento social, ou retorno para suas atividades trabalhistas

e questões familiares nesse período, impossibilitaram a participação. Além disso, tivemos duas desistências, uma durante a realização das entrevistas, e outra logo após a realização da interlocução.

Enquanto grupo, lidar com as reconsiderações de participação demonstrou a fragilidade do trabalho de pesquisa em si, bem como lidar com questões éticas profundas, o que demandou alguns encontros para a discussão do tema e tomada de decisão sobre o que fazer diante das adversidades. Foi necessário nos colocarmos no lugar das convidadas, fazer um exercício de sensibilidade, respeito, empatia e autocrítica, lidando também com questões pessoais de cada uma das participantes. Agradecemos a cada uma delas que em algum momento disponibilizou de seu tempo e atenção para conversarmos sobre a proposta.

A agenda do próprio grupo representou um desafio, com atividades que envolviam projetos acadêmicos e laborais que não paralisaram durante a pandemia. Todos esses compromissos foram assumidos em caráter remoto, o que demandava ainda desenvolvimento de habilidades e desenvoltura com o novo formato, pois, apesar de frequentemente utilizarmos redes sociais, o uso mais intenso de ferramentas digitais acarretou em um desgaste maior. Em agosto de 2020, aconteceu o retorno das aulas na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) na UFMG, exigindo adaptação e organização do tempo.

Outros desafios enfrentados pelo grupo foram de ordem técnica, por exemplo, no momento das transcrições ocorreram falhas de internet e da extensão de navegador para captura de imagem e áudio que falhou na captação do som, dificultando e aumentando consideravelmente o tempo necessário para transcrever as entrevistas. Dessa forma, criamos alternativas durante a realização da atividade, como ditar a entrevista em programas de reconhecimento de voz e transcrição on-line, com o objetivo de avançarmos mais rapidamente nessa etapa.

É importante ressaltar que desde o início desta proposta, contamos com o incentivo, apoio e parceria do Grupo Ciberterreiro[14], o qual nos auxilia desde a disciplina supracitada. Este contribuiu com a escrita do projeto, orientações e discussões acerca do andamento do ensaio e amparo na compreensão de textos com os quais o grupo teve alguma dificuldade.

[14]Grupo formado após a disciplina da Formação Transversal cursada em 2019, que nos despertou para discussão da produção afrodiásporica e com o qual temos desenvolvido o projeto de pesquisa Raça, Descolonização e Processos educativos (Ciberterreiro) realizado junto ao Núcleo de Estudos sobre Raça e Ações Afirmativas NERA - CNPq/ FaE - UFMG.

DISCUSSÃO

Os relatos apresentados neste trabalho atravessam nossa própria experiência e também de nossas famílias. Essas mulheres ao serem interpeladas, também nos interpelam a uma postura ética diante do entrecruzamento de experiências e reflexividade que o relato de si possa promover, tanto a elas quanto ao grupo, um movimento reflexivo partilhado, ou como menciona Ailton Krenak (2019): uma ética compartilhada. Quanto aos relatos de si que foram concedidos, Judith Butler (2015, p.16) nos orienta sobre os movimentos e impactos que ocorrem nesse processo:

> [...] Se dou um relato de mim mesma em resposta a tal questionamento, estou implicada numa relação com o outro diante de quem falo, para quem falo. Desse modo, passo a existir como sujeito reflexivo no contexto da geração de um relato narrativo de mim mesma quando alguém fala comigo e quando estou disposta a interpelar quem me interpela.

Nesse sentido, temos a consciência de que não é possível esgotar as experiências dessas mulheres ou garantir a completude do relato de si mesmo no qual "[...] Embora sejamos forçados a dar um relato de nossos vários si-mesmos, as condições estruturais em que fazemos acabarão impossibilitando uma tarefa tão completa." (BUTLER, 2015, p.16). Sobre a experiência corporal que envolve o relato de si, a autora ainda nos oferece mais uma contribuição:

> [...] as histórias não captam o corpo a que se referem. Mesmo a história desse corpo não é totalmente narrável. De certa forma, ser um corpo é o mesmo que ser privado de uma recordação completa da própria vida. Meu corpo tem uma história da qual não posso ter recordações. [...] Há algo em mim, de mim que não posso dar relato. (p.20).

Sendo o sujeito opaco a si mesmo, "ele não está autorizado a fazer o que quer ou ignorar suas obrigações para com os outros" (BUTLER, 2015, p.19), trazendo à tona uma concepção ética e de responsabilidade que impera nos relatos: o senso de responsabilidade sobre si e os seus serão notados na medida em que os relatos avançam.

A condição ética que também nos é exigida envolve o equilíbrio entre pesquisa e afeto pela relação com nossa trajetória das integrantes do grupo. Não pretendemos aqui verdades absolutas, hierarquizar ou criar falsas simetrias acerca da experiência de mulheres negras frente à pandemia da COVID-19, tal ponto nos leva a refletir sobre romantização, fetichização e estereótipo.

Homi Bhabha (2013) nos conduz a pensar sobre a forma como o estereótipo e o fetichismo são operados pelo discurso colonial, que se configura como sua principal estratégia discursiva enquanto "forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está

sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (p.117), este trecho quando se trata da acentuam-se discursos de dor, sofrimento, incrível superação diante das adversidades cotidianas e uma maneira romantizada para lidar com o racismo ou outras violências estruturais, entretanto, as realidades são por mais que sejam atravessadas por todas essas não se valem apenas disto. O que percebemos nas narrativas que apresentaremos são experiências e realidades complexas atravessadas pelo sistema racista, colonial, patriarcal e capitalista.

Um sistema que atravessa nosso tempo. Nesse sentido, pensando sobre as especificidades deste tempo, Krenak (2019, p.13) aponta que:

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida.
>
> [...] É importante viver a experiência de nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros.

As narrativas que serão apresentadas nos fazem pensar sobre a invisibilização produzida ativamente pelo sistema supracitado e os estereótipos criados por discursos que fomentam e legitimam essa invisibilização. Quais relatos circulam quando se fala em pandemia? As experiências apresentadas trazem a complexidade desse momento na vida de mulheres negras, por exemplo? Os relatos produzidos por essas mulheres e apresentados em narrativa questionam as ausências frequentes desses relatos entre aqueles que comumente circulam quando se pensa sobre o impacto da pandemia da COVID-19.

Beatriz Nascimento nos chama a atenção para o fato de que o corpo negro é território e memória. Ratts (2006), refletindo sobre a obra de Beatriz, ainda acrescenta que há “um golpe de cabeça e um jeito de corpo para fugir dos estereótipos, dos preconceitos e racismo” que incidem sobre esse corpo-documento (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006), que mesmo que não se narre em sua inteireza, produz imagens de existência. Imagens que são interditadas ou cerceadas, pois como nos alerta Toni Morrison (2017, p. 13-14) “[...] a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle”. Um controle para produção de

desigualdades que recaem sobre esses corpos que, em contexto de pandemia têm a acentuação de violências e negação de direitos.

Como já apontamos na seção anterior, construímos este ensaio a partir da experiência e relato de três mulheres negras: Ariane, 20 anos, estudante de Teatro, autodeclarada negra, natural de Teófilo Otoni e residente em Belo Horizonte, heterossexual e solteira; Ana, 36 anos, autodeclarada negra, assistente administrativa e mestranda em Educação, residente em Ribeirão das Neves, heterossexual, casada e mãe de uma criança de 5 anos; Maria, 60 anos, salgadeira e comerciante, autodeclarada negra, residente em Santa Luzia, heterossexual, solteira e com dois filhos adultos. As três ressaltam que foram educadas religiosamente sob a matriz cristã-católica, porém, nenhuma delas prossegue nessa perspectiva, sendo mais próximas de uma espiritualidade e uma delas adepta a umbanda. As entrevistas foram feitas entre agosto e setembro de 2020, sendo: Maria, 23 de agosto; Ana, 02 de setembro e Ariane 03 de setembro.

Apresentaremos a seguir a narrativa construída a partir do relato das três entrevistadas, analisando aspectos da vida como: rotina anterior à pandemia, mudanças na rotina devido ao isolamento social, percepções sobre ações governamentais e expectativas pós-pandemia. Nesse sentido, consideramos a temporalidade do passado recente anterior à pandemia, presente vivido e prospecção de futuro. É válido dizer que não queremos com estes relatos criar simetrias ou generalizar experiências vividas por todas as mulheres negras da cidade, do estado ou do país, reiteramos que avançaremos na discussão tendo como referência a experiência vivida por três mulheres que aceitaram participar de nossa proposta.

Rotina anterior à pandemia

No que diz respeito à rotina anterior à pandemia, percebemos a diversidade das realidades vividas. Como já apontado, duas das entrevistadas residem em bairros periféricos da região metropolitana de Belo Horizonte e uma esteve em trânsito entre as cidades de Teófilo Otoni e Belo Horizonte. Ao lançar perguntas como forma de responder a um de nossos objetivos, interpelamos essas mulheres sobre sua rotina anterior à pandemia. De que maneiras os tempos eram ocupados? Como era sua rotina? Percebemos que o cuidado com a família, com o trabalho e com os estudos ganham destaque e, em alguns casos, as pressionam, exigindo uma adaptação, que leva ou poderia levar a uma exaustão:

> Ariane: [...] faço dois cursos [...] saía no ônibus de sete e quarenta (07:40) e ficava na faculdade até o último ônibus da moradia (universitária) que é dez e quarenta (22:40), minha aula terminava dez e meia, dez e vinte (22:30/ 22:20) por aí. [...] Então, na semana minha rotina era essa, eu não ficava em casa, saía esse horário, muito cedo. Almoçava na faculdade, lanchava na faculdade, jantava na faculdade [...] e final de semana [...] geralmente, eu saía pra algum lugar, às vezes tinha curso pra fazer também, às vezes tinha alguma coisa à noite. (2020)

> Ana: Minha rotina era muito atribulada por conta dos deslocamentos. [...] Eu trabalho das três às oito (15:00 às 20:00). Então tinha que sair mais cedo, deixar meu filho na moça que olha ele. Uma hora (13:00) já tinha de estar no ponto, para pegar o ônibus. Deixava ele lá, ia para o ponto, aquela pressão de não chegar atrasada. [...] No sábado eu fazia projeto de extensão de oito às seis (8h às 18h). (2020)

> Maria: Eu levantava às cinco da manhã todos os dias, ia para lanchonete, trabalhava até uma hora (13:00) [...] voltava para casa dava uma descansada e abria de novo a lanchonete quatro, cinco horas da tarde e trabalhava até nove horas da noite. Esse horário eu já vinha para casa e... descansar, né, dormir, me preparar para outro dia de novo, cinco da manhã de novo. Era assim, de domingo a domingo, não tinha assim nem um dia de descanso. (2020)

Um direito básico que lhes é negado em sua totalidade: o de terem momentos em seu lar, inferimos que se apresenta também como poucos momentos com a família e para momentos de lazer com uma agenda tão atribulada diariamente, como as próprias refletem sobre:

> Ariane: [...] eu nunca fui de ficar muito dentro de casa não. (2020)

> Ana: [...] antes eu deixava ele (o filho) com a babá às dez e meia da manhã (10:30) e já ia para o trabalho, chegava em casa umas dez, dez e meia da noite (22:00 às 22:30) e ele estava dormindo. (2020)

> Maria: [...] A gente não tinha esse tempo de ficar dentro de casa, levantar junto, sentar junto pra poder almoçar. Então isso foi muito importante, foi muito bom para relação da gente, porque a gente passou a se conhecer melhor. (2020)

Mesmo acessando o direito à moradia, vivenciam pouco as experiências desse espaço e do convívio com a família, pois são chamadas às responsabilidades que atravessam a experiência humana, em uma sociedade capitalista na qual a às necessidades básicas de subsistência e manutenção da vida ocupam lugar central em seu dia a dia.

Um fato é que todas percebem como a rotina se constitui de maneira a realizar muitas atividades no dia a dia, configurando uma agenda atribulada. Chama-nos a atenção que há uma sobrecarga de atividades que se delimitam aos tempos do trabalho, dos estudos e deslocamentos, tendo de adaptar sua rotina em face das atividades cotidianas. Perceberemos mais adiante o quanto o tempo em suas vidas é algo escasso.

Alterações na rotina e percepções sobre essas mudanças

Nesse contexto, as entrevistadas, apesar de suas individualidades, compartilham de algumas similaridades no atual cenário da pandemia causada pelo novo coronavírus. Em consonância com Passos e Carvalho (2008), ao analisarmos os dados coletados, entendemos que os relatos são concomitantemente únicos e coletivos. Desse modo, são únicos, uma vez que cada sujeita vivencia sua dor e exclusão de forma individual, ao mesmo tempo em que são coletivos, pois são experiências recorrentes na vida da população negra em geral, especificamente as mulheres que, em muitos casos, têm suas existências silenciadas. (PASSOS e CARVALHO, 2008).

No que tange às alterações na rotina e percepções sobre mudanças pós-Covid, identificamos em todas as narrativas uma transformação na vida das entrevistadas, sobretudo uma necessidade de adaptação e mudança de planos. Entretanto, um ponto em comum diz respeito à ausência de deslocamento no transporte coletivo como algo positivo de grande impacto na vida de duas entrevistadas. Conforme ilustramos abaixo:

> Ana: A rotina ficava bem cheia. O deslocamento daqui até o trabalho era um deslocamento de duas horas. [...] A diferença que eu sinto hoje, estando em teletrabalho, é justamente essa: eu ganhei mais tempo, apesar de ainda ter funções na escola, da faculdade, do projeto de extensão e do mestrado, estando em casa, a sensação que eu tenho agora com o teletrabalho, eu sinto que as coisas fluem melhor, o meu filho estando em casa e meu marido estando em casa, eu não preciso ficar correndo pra me deslocar. (2020.)

> Ariane: Na faculdade eu variava entre a graduação, durante o dia eu fazia as disciplinas da graduação, geralmente tinha turno que eu não tinha aula, mas eu preferia ficar lá na faculdade pra poder ficar na biblioteca, dar uma estudada, sei lá, dar uma dormida. Era melhor ficar lá do que vir pra casa, porque essa coisa de ficar indo e voltando pra mim às vezes ficava um pouquinho difícil. (2020)

No que diz respeito à terceira entrevistada, Maria, o deslocamento não interveio em sua rotina, uma vez que ela trabalha na mesma rua em que reside, não sendo necessário o uso de transporte público ou grandes deslocamentos. Isso nos revela que apesar da mesma referência que promove o encontro dessas mulheres, raça, enquanto mulheres negras, a inserção social revela problemas e angústias distintas, pois algumas podem exercer o teletrabalho, mantendo-se em casa e respeitando o isolamento social, enquanto outras estão expostas ao risco de contágio. Diante disso, a distinção de raça e classe se dá a partir da inserção social, ou seja, do lugar na sociedade ocupado por cada uma das sujeitas, o que proporciona vivências, perspectivas e medos dessemelhantes.

> Ana: [...]o que foi pesado na pandemia não foi nem essa questão da rotina, [...] foi a angústia, o medo principalmente nos dois ou três primeiros meses porque minha mãe trabalha como faxineira, e a faxina virou trabalho essencial. Ela mora com a minha avó de noventa anos, então no início eu tinha muito medo de pegar esse negócio. [...] Eu fiquei super preocupada, minha mãe também ficou preocupada de levar esse negócio para minha vó, porque ela tava circulando nos ônibus. E assim quatro, cinco horas da manhã o ônibus tava lotado e ao invés de aumentar os ônibus, eles diminuíram. Está tendo mais aglomerações nos MOVE's[15] [...] ela trabalhava no shopping, mas o shopping fechou, né, ela foi deslocada para outra empresa, aí na outra empresa teve vários casos de coronavírus, e eles levaram o laboratório para testar o coronavírus, mas ela não foi testada porque ela é terceirizada, aí a gente ficou meio, assim, ela trabalhando no meio de um tanto de gente com essa doença. (2020)

> Maria: As duas primeiras semanas foram muito difíceis, eu acordava cinco horas da manhã e não ter para onde ir, saber que eu não ia sair de casa, e preocupar também com a manutenção... continuação da vida. Então foi muito complicado no início, só que duas semanas depois eu comecei a pensar: a gente tem que pensar em alguma coisa para fazer, eu não vou dar conta disso. (2020)

> Ariane: Tem dias que eu estou bem de boas, no início foi um pouco mais puxado porque eu parei muito rápido, foi uma parada muito brusca, eu senti que eu fiquei mais ansiosa, tive muito mais dificuldade para dormir, pra comer também. [...] A minha grande meta era ir pra Salvador (*para mobilidade acadêmica*), porque isso vem desde 2018, esse desejo. Era pra eu ter ido em 2018 [...] mas nesse início de ano agora não consegui ir né, mas o sonho continua, sabe?! (2020)

De acordo com os relatos, é possível inferir que o isolamento social, além das questões práticas, também afetou o estado psicológico das nossas participantes. A mudança de planos, a incerteza sobre o futuro e a ansiedade com o desenvolvimento da doença foram alguns dos desafios enfrentados pelas nossas entrevistadas de forma coletiva. Os relatos demonstram que elas precisaram seguir com a vida, ignorando, muitas vezes, as suas angústias para sobreviverem neste novo contexto, como observado nos três relatos anteriores.

Sob esse viés, é possível articular esses dados com o resultado de um estudo realizado pelo Grupo de Trabalho Racismo e Saúde, da Abrasco, o qual tem apoio do Fundo de População da Organização das Nações Unidas (UNFPA), em que foi constatado que a população negra, além de ser o grupo mais vitimado fisicamente pela pandemia da COVID-19, também sofre grandes impactos em sua saúde mental. Segundo o artigo produzido pela pesquisa, como são mais expostos ao vírus, os negros e negras sofrem com ansiedade, medo, frustração, luto, entre outros transtornos psicológicos.

---

[15] MOVE é um sistema Bus Rapid Transit (BRT) em operação nos municípios de Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Além disso, o atual momento histórico tem provocado bruscas mudanças na vida dos sujeitos, afetando, em especial, os grupos minoritários e marginalizados. Tais aspectos como a saúde mental foram observados nas respostas das mulheres negras entrevistadas, evidenciando, assim, o racismo estrutural e estruturante no qual a nossa sociedade está assentada, uma vez que, embora se reconheça a COVID-19 como uma ameaça humanitária global, sabe-se que a possibilidade de sua propagação afeta de maneira diferenciada os grupos sociais.16 Diante disso, cabe avaliar o Sistema Brasileiro de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe, o qual sugere que há um maior risco de morte por COVID-19 entre pardos e pretos.

Esse sistema de segregação racial, conforme Almeida (2018), é uma forma sistemática de discriminação, na qual o racismo é normalizado nas relações socias e a responsabilização individual não diminui as desigualdades raciais. Dessa forma, a sociedade desumaniza a vida das pessoas negras, por conseguinte, estas vivem, muitas vezes, sem a garantia de seus direitos básicos, além de não perceberem a violência sofrida.

Por isso, em um momento como este, ao serem interpeladas, as entrevistadas conseguem perceber como não tinham tempo para atividades como lazer ou descanso. Embora o contexto não seja o mais adequado, acreditamos que esse despertar para a negligência estatalse dá ao passo que as medidas preventivas do Ministério da Saúdebrasileiro demonstram as desigualdades de acesso às políticas sociais e maximizam desigualdades sociais existentes, já que uma parcela da população não possui acesso à água e nem poder aquisitivo para aderir ao uso de álcool em gel para higienização das mãos[17], fato que provoca uma reflexão sobre o assunto e confirma a segregação racial e social.

Percepções sobre ações governamentais

Outro ponto de reflexão sobre a realidade, diz respeito ao impacto da atuação dos governantes, de uma forma mais generalizada, na vida das entrevistadas, nas esferas de atuação federal, estadual e municipal.

---

[16] Noronha K, Guedes G, Turra C, Andrade M, Botega L, Nogueira D, Calazans JA, Carvalho L, Servo L, Ferreira MF. Pandemia por COVID-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. Cad Saúde Pública 2020;

[17] Bardi G, Bezzera W, Monzeli G, Pan L, Braga I, Macedo M. Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social. Rev Interinstitucional Bras Terapia Ocupacional 2020; 4(3):496-508.

As entrevistas foram feitas entre agosto e setembro de 2020. Importante marcar esse período, pois, naquele momento, algumas medidas já haviam sido tomadas pelo Estado, em especial o pagamento do chamado Auxílio Emergencial, que àquele momento, estava em sua quinta parcela, sendo a primeira em valor reduzido (o auxílio emergencial residual, no valor de R$300,00) 50% a menos que o valor inicial de R$600,00 (seiscentos reais).

Das três entrevistadas, duas foram contempladas pelo benefício: Ariane e Maria, sendo que Ana não o acessou por manter-se empregada na Prefeitura de Belo Horizonte e receber seu salário integralmente. A medida do auxílio emergencial, mesmo que com ressalvas, em geral é bem avaliada por parte de todas as entrevistadas:

> Ariane: [...] eu voltei para minha cidade (Teófilo Otoni), consegui receber o auxílio (emergencial) de seiscentos reais, consegui receber esse auxílio da assistência estudantil também. Eu não senti tanto o impacto não, em relação a esse financeiro. (2020)
>
> Ana: Não fiz uso (do auxílio emergencial), porque eu trabalho na prefeitura, e lá os salários foram mantidos.[...] Eu considero de extrema importância todas essas medidas, inclusive a medida que partiu do governo federal, mas que foi uma luta do congresso, sobre os valores (do auxílio emergencial). Acho que foi de extrema importância, de grande impacto social a distribuição dessa renda. (2020)
>
> Maria: [...] Essa questão do auxílio emergencial eu acho uma coisa muito bacana, ajudou muita gente [...] foi crucial sim, ajudou muito sim, mas não daria para gente manter as contas da gente, o padrão, a alimentação, essas coisas todas [...] mas eu acho que foi uma coisa boa que foi feita, porque o resto deixou muito a desejar. (2020)

O auxílio emergencial trouxe mudanças significativas. Pesquisas apontam, por exemplo, a saída de 15 milhões de brasileiros da linha da pobreza até agosto de 2020, uma queda de 23,7% em todo o território nacional[18]. De fato, em muitos municípios, a renda média chegou a subir com o auxílio emergencial, fato esse que, segundo analistas, ajuda a entender a popularidade do presidente da República, que continuava em ascensão, mesmo diante de um cenário que, ao final de setembro, contava com 140 mil mortes[19] devido à COVID-19.

As entrevistadas fazem uma análise crítica a respeito da atuação do governo federal na pandemia, destacando o descaso e mesmo o discurso negacionista em relação à doença. Também citam a falta de um ministro da saúde em um momento tão crucial. Elas fazem apontamentos sobre a forma como a pandemia foi tratada pelos governantes a nível municipal e de forma mais pontual, também a nível estadual.

[18] Disponível em https://www.cps.fgv.br/cps/CovidClasses/

[19] Disponível em https://ourworldindata.org/coronavirus

> (o presidente) movimenta. Muita irresponsabilidade muita, muita, muita, sabe?! E eu acho que é em tudo, assim, por parte dessas pessoas que tem essa imagem que outras pessoas vão ver e vão projetar [...] eu percebo que essa confusão de ideologias, de pensamento, de considerar que não é uma coisa grandiosa, isso só nos atinge, dificulta nosso desenvolvimento de coisas mínimas, que é sobrevivência, simplesmente. (2020)

> Ana: O Ministério da Saúde poderia ter feito muito mais, poderia ter apoiado as medidas de contenção que foram tomadas, poderiam ter conscientizado,
>
> poderia ter feito mais coisas na televisão, nas próprias declarações poderiam ter feito falas favoráveis. [...] eu acho que a coisa foi mais discursiva, o discurso deles não ajudou, o discurso, sabe?! Realmente o fato de estarmos sem ministro da saúde até hoje demonstra isso [...] Eu acho que aqui no caso de Ribeirão das Neves e Belo Horizonte, que são as regiões que eu mais círculo, acho que teve até um movimento interessante de fechamento, mas eu acho que no caso das medidas em Neves, tirando o ônibus, de fechamento de bares, escolas e em BH também, foram medidas interessantes, mas acho que teve um movimento de não levar a sério, eu acho que o que parou foi a questão do governo federal, se fosse um governo em sintonia com as medidas dos municípios, eu acho que as pessoas teriam se apropriado melhor desse discurso. (2020)

> Maria: pra lidar com epidemia teria que ser médico, né? (como ministro da saúde) [...] foi tudo muito complicado, tanto o governo federal, quanto o governo estadual, quanto o prefeito da minha cidade, eu acho que eles, muitos deles, não souberam lidar com a pandemia, não. [...] Então eles todos não levaram a sério essa epidemia. (2020)

As entrevistadas demonstram em seus relatos, insatisfação e mesmo espanto com a forma como a pandemia vinha sendo tratada pelos mandatários, em especial em âmbito federal. Elas reconhecem que a falta de uma ação coordenada pelo Ministério da Saúde, que centralizasse e orientasse as ações em outros níveis de governo, poderia ter levado a um melhor manejo no trato com a pandemia.

Importante observar, que Ana e Ariane relatam experiências em mais de um município, Ana fala de suas experiências em Ribeirão das Neves, onde reside, e em Belo Horizonte, para onde se desloca eventualmente, devido ao trabalho. Ariane cita Belo Horizonte, cidade onde reside e na qual permaneceu a maior parte do tempo durante a pandemia, e Teófilo Otoni, sua cidade natal e para a qual retornou brevemente, quando do fechamento da Universidade na qual estuda. Já Maria, reside em Santa Luzia, cidade que, assim como Ribeirão das Neves, compõe a região metropolitana de Belo Horizonte.

---

[20] Cidade-dormitório: cidade ou localidade situada no subúrbio de uma grande cidade, que tem poucas atividades econômicas e industriais, servindo sobretudo como local de residência de pessoas que trabalham noutros locais. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, https://dicionario.priberam.org/cidade-dormit%C3%B3rio [consultado em 17-11-2020].

Dessa forma, não raro, elas fazem comparações entre as medidas adotadas entre um e outro município, sendo Belo Horizonte um parâmetro, uma vez que foi uma cidade que adotou mais cedo que os demais protocolos ponto importante de ser salientado é que Santa Luzia e Ribeirão das Neves são cidades-dormitório20, assim, as medidas tomadas em Belo Horizonte, de restrição de circulação, certamente provocaram impactos no cotidiano destas.

Expectativas pós pandemia

A conjuntura pandêmica nos mostra com clareza os anseios populacionais acerca do momento em que o contágio cessará. Porém, é evidente uma diversidade de pensamentos sobre a vida pós-pandemia, uma vez que há o ceticismo sobre uma volta a uma "vida normal", em que muitas pessoas já citam a nova vida, um convívio social baseado nos cuidados aplicados e aprendidos durante o isolamento, ao passo que outros indivíduos firmam seus pensamentos na eficácia da vacina e um retorno ao que era antes deste mal.

Diante desse cenário, muitas vezes contraditório, após relativo controle no fim de março e início de abril, estudo da Fiocruz[21] aponta para crescimento acelerado de casos de coronavírus em todas as regiões,ou seja, devido ao relaxamento populacional, citado pelo chefe adjunto do programa de doenças do Centro Europeu para Prevenção e Controle das Doenças (ECDC)[22], Piotr Kramarz, há uma possibilidade de retorno e aumento dos casos de contágio, ao passo que há uma chance de melhora pela vacina, pois a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)[23] aprovou medidas que devem acelerar o registro de vacinas contra a COVID-19 no Brasil.

Como se pode ver, as expectativas e preocupações quanto à vacina ficam evidenciadas nas falas das participantes:

> Ana: Fiquei pensando em como vai ser essa vacina, se a gente de repente vai vacinar e se vai ter que vacinar direto. Eu fico com muitas dúvidas em respeito a como vai ser esse processo de imunização. Eu acho que realmente o que vai deixar a gente mais tranquilo é a vacina, eu estou com expectativa que saia uma vacina aí para gente. (2020)

---

[21] Disponível em https://veja.abril.com.br/brasil/curva-de-contagio-da-COVID-19-volta-a-crescer-em-todo-o-pais/

[22] Disponível em https://www.issup.net/pt-br/knowledge-share/resources/2020-03/COVID-19-site-do-centro-europeu-prevencao-controle-doencas

[23] Disponível em https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-aprova-rito-diferenciado-para-registro-de-vacinas-contra-COVID-19,70003519232

> Maria: Eu sonho com essa vacina [...] eu vou ser a primeira da fila pra poder ir pra praia. Porque eu quero ir pra praia, eu quero ver minha família. Eu tenho a maior esperança nessas vacinas aí. (2020)

Apesar da esperança em relação à vacinação, houve uma diversidade de perspectivas entre elas, no que diz respeito à percepção de mundo, comportamentos individuais e coletivos, no contexto pós-pandemia.

> Ariane: [...] agora as pessoas estão solidárias, algumas. Porque uma série de coisas está acontecendo que elas foram forçadas a fazer isso de alguma forma. Elas foram colocadas nesse lugar, a gente faz alguma coisa porque
>
> esse momento pede isso, né? O momento pós-pandemia pode pedir outra coisa[...]. (2020)
>
> Ana: Olha, eu não sei muito, sabe? As pessoas boas vão ter sentimentos de solidariedade ressaltados e nas pessoas ruins essas maldades vão ser ressaltadas, sabe?! [...] Sinceramente, eu não vejo que a pandemia vai alterar essa questão de solidariedade, não acho que vai trazer algo novo. Eu acho que virão coisas muito pesadas e muito difíceis e que vamos ter que nos organizar. Coisas muito difíceis, destruição de direitos...(2020)
>
> Maria: [...] não sei se vocês vão concordar comigo, mas eu acho que vai vir um mundo melhor aí. Eu acho que todo mundo vai aprender alguma coisa, porque não tem como sair de uma situação dessa sem ter aprendido nada. (2020).

Com efeito, os pontos negativos, baseados nas políticas públicas, economia e desigualdade social, têm preocupado as entrevistadas:

> Ana: [...] vai ser uma coisa aí que vai vir pesada para gente, essa coisa deles falarem que gastou com a gente, gastou com as pessoas, os serviços todos sucateados. Eu fico pensando no impacto disso nas populações, né? A gente aqui na periferia e os que são mais pobres que a gente ainda. (2020).
>
> Ariane: Eu acho que o financeiro, o econômico, eu acho que isso vai ter um impacto muito grande, muito negativo e que já tá tendo. Por exemplo, muitos empresários perdendo suas empresas, seus negócios fechando e outros, não só empresários, né, outros lugares também. Outras coisas fechando, parando de funcionar eu acho que esse impacto econômico vai ser muito, vai ser muito... a questão da saúde eu acho que vai ter um impacto muito negativo nesse pós-pandemia aí, mas o resto eu não sei. (2020)

A leitura da realidade feita por essas mulheres converge com o cenário econômico do país, demonstrado por dados como: a queda do Produto Interno Bruto Brasileiro (PIB), no segundo trimestre, fazendo com que o ano encerre com o pior desempenho econômico da história[24].

[24] https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/09/01/A-queda-hist%C3%B3rica-do-PIB-do-Brasil-na-pandemia-sob-an%C3%A1lise

Outrossim, conforme evidenciado nos dados analisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020), a retomada da economia brasileira no pós-pandemia não será fácil, pois teremos que superar os desafios do desemprego, aumento da pobreza e um elevado número de falências.

Concomitantemente aos pontos positivos e negativos citados por elas, um fator que chamou bastante nossa atenção foi a percepção acerca da responsabilidade pelo outro.

> Ariane: acho que eu fico muito nesse lugar de desesperança mesmo e dessa impotência também, esse é um entendimento que eu tenho muito no início, eu não conseguia fazer nada. Uma coisa que eu consegui fazer foi ajudar duas pessoas com duas cestas básicas… meu professor de teatro de Teófilo Otoni ligou pra mim perguntando como que tava lá em casa… e a gente não tem esse dinheiro para esbanjar mas pelo menos o mínimo a gente tava conseguindo manter, eu falei: 'eu tô de boas mas eu tenho uma prima que não tá, que não tá trabalhando nem marido trabalhando', que tem que bancar a casa sozinha é… e de uma outra moça, de uma outra vizinha também... essas duas cestas básicas que eu consegui, para essas pessoas, foram pra mim muito importantes, sabe, teve muito significado, mas é muito essa sensação, esse sentimento de impotência, sabe, de impotência e essa sensação de que, a gente fala que tá ruim é legítimo, mas eu penso também nas pessoas que não tenha o mínimo, pessoas que não têm o mínimo para sobreviver.
>
> Ana: Eu peguei e pensei: 'preciso ir na casa da minha mãe e ajudar no que der', porque eu não posso ficar presa aqui nessa bolha e as coisas acontecendo, né. Aí eu comecei a ir lá de novo, resolver coisas no aplicativo, compras, resolvi um monte de coisa. Ai lá o que a gente pode fazer de prevenção para não pegar o vírus, a gente faz, o que a gente pode fazer são as medidas de higiene.
>
> Maria: No início da pandemia, eu reparei que eu tinha muita coisa dentro de casa, que não usava. Percebi que a gente tinha muita coisa que não precisava em casa, e que poderia tá fazendo falta pra alguém. Aí eu coloquei, fiz o varal solidário na porta de casa, entendeu? E aí, tudo que tinha dentro de casa que a gente não usava, que tava guardado eu pus tudo nesse varal: sapato, utensílio de cozinha, até alimentação mesmo eu punha lá, fiz um varal lá fora, né?! Aí as pessoas vinha, pegava o que precisava e passou também a trazer coisas que tinha dentro da casa deles que eles não usavam, às vezes não servia pra eles, servia pra outras pessoas. Aí todo dia as pessoas vinha, nesse varal solidário procurar alguma coisa. [...] e até hoje o pessoal, fica como eu falei, não coloquei o varal mais não, me pediram para não fazer isso agora porque podia disseminar, porque é roupa usada, né, que ficava lá no varal. Às vezes a pessoa chegava em casa não lavava, né, então eu peguei e dei uma parada.

Percebemos nesses relatos uma condição ética da existência dessas mulheres no contexto da pandemia, em que o cuidado consigo e com seus familiares, como no caso de Ana, e também do cuidado com pessoas conhecidas no caso de Ariane ou de poder ajudar até mesmo pessoas desconhecidas, como no caso de Maria, sobressai não somente no relato, mas revelam enquanto uma postura acolhida por elas nesse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve uma extensa produção de informações pelas entrevistas realizadas, neste ensaio, optamos por focalizar nos aspectos de rotinas antes e durante o isolamento, percepções de ações governamentais e as expectativas pós-pandemia. As entrevistadas nos mostram como mulheres negras encararam as mudanças impostas pela pandemia e, em como em seus movimentos de adaptação ao contexto, mantém a sua vida e a dos seus em constante movimento.

Percebemos nos relatos a complexidade que este momento representa na vida dessas mulheres. No momento anterior à pandemia, a realidade se apresentava de maneira intensa, atribulada e agitada porque, muitas vezes, para se ter acesso a educação, manutenção da vida e subsistência da família, a população negra tem de ter uma rotina intensa de trabalho e atividades cotidianas. Já no período inicial da pandemia e do isolamento social é possível perceber a preocupação consigo e com os seus, as inseguranças, medos e angústias com relação ao presente e a incerteza do futuro perante uma pandemia. Ao longo da vivência desse período, a partir da concepção de mundo e posturas adotadas para enfrentamento, vão se acentuando reflexões sobre adaptação, equilíbrio e empatia que foram posturas entendidas como necessárias para esse momento**,** contudo, ainda se mantém inseguranças e desesperança em alguns momentos principalmente quando percebem a amenização da situação por parte da população e dos governantes.

Percebemos durante os relatos que a interpelação provocou uma certa reflexão acerca das muitas responsabilidades em que elas se engajam. Ao serem indagadas sobre a rotina, elas conseguem verbalizar como estavam sempre ocupadas em múltiplas tarefas, sem tempo para descanso ou lazer. Inclusive, isso fica perceptível quando questionamos sobre o que faziam para se distrair no contexto antes da COVID-19 (ver anexo I), percebemos que o lazer, na vida das entrevistadas, não era prioritário, o que diz muito sobre como acontece e o que atravessa a vida de mulheres negras em uma sociedade que estabelece relações sustentadas pelo racismo, colonialismo, patriarcado e capitalismo.

Mesmo que todas sejam mulheres negras, é notório que a inserção social conta para a vivência desse período. Enquanto para Ana estar no modelo de teletrabalho possibilitou convívio familiar e alargamento do tempo; para Ariane vivenciar momentos em casa impôs comunicação online o tempo todo e cuidado com a alimentação que se tornaram um dos desafios do isolamento social e suspensão de atividades; já para Maria, que apesar de reconhecer que também não ficava muito em sua casa em convívio com a família, o

isolamento impossibilitou encontros e interações, que aconteciam em seu dia a dia, às quais ela sentiu muita falta e achou que "não daria conta".

As particularidades vão surgindo e evidenciando as nuances do impacto da pandemia na vida dessas mulheres. Contar parte dessas histórias de vidas nesse contexto evidencia a potencialidade em se criar espaços para que reflexões sobre as realidades vivenciadas pela população negra sejam construídas, podendo perceber confluências e divergências de histórias, pensamentos, percepções, materializando as "pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo", citadas por Krenak (2019, p. 13), que possibilitam contar as histórias representando uma forma de adiar o fim do mundo. Precisamos contar mais histórias, de outras constelações e ir compondo esse céu, ou como bem nos lembra Walker (2018) recompor o quebra cabeça da afrodiáspora partindo da história, colocando em prática a perspectiva afrogênica.

Por fim, a compreensão desse período da pandemia a partir da experiência de mulheres negras nos possibilita pensar ainda sobre as mais diversas realidades que a população negra possa estar vivenciando. Sabemos a partir da história deste país os lugares em que essa comunidade foi colocada, das violências e violações de direitos, mas em que lugar essas mulheres puderam se colocar e se colocaram neste período? Ouví-las, lê-las nos remete à dificuldade de circunscrever essas *pequenas constelações* a uma entrevista, e tampouco era esse o objetivo.

As reflexões continuam com o que apresentamos com o adinkra MMERE DANE: *o tempo muda*, entendemos a partir da narrativa biográfica dessas três mulheres que cada tempo exige uma postura de enfrentamento. Finalizamos este ensaio com a fala de Ariane que materializa o atual momento em que muitos de nós não imaginávamos vivenciar uma pandemia e constantemente criamos expectativas quanto ao que virá, numa tentativa de previsibilidade que insistimos quando se fala da pandemia do novo coronavírus:

> Ariane: acho que cada tempo é cada tempo, não sei se as pessoas vão voltar melhores não, tem muito dessa coisa, né, tem muita essa colocação que a gente fala que vai, que as pessoas vão voltar mais solidárias, eu não sei não, sei não, acho que... é isso **cada tempo é cada tempo** [...]. (2020).

Este ensaio foi produzido por meio do Programa de Fomento Cultural - Bolsa de Fomento à Criação / Estudante UFMG vinculado a PRAE/ DAC Edital 005/2020.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução: Rogerio Bettoni. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PASSOS, Mailsa. Carla Pinto.; CARVALHO, Carlos. Alberto de. **Práticas, Narrativas e Memórias da Diáspora: Paisagens de uma Pesquisa.** ANPED: GT-21: Afro-Brasileiros e Educação. FAPERJ. 2008.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006.

SAÚDE MENTAL de pessoas negras é afetada pela COVID-19 e merece atenção, destaca artigo da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **UNFPA Brasil**, 23 de out. de 2020. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/sa%C3%BAde-mental-de-pessoas-negras-%C3%A9-afetada-pela-COVID-19-e-merece-aten%C3%A7%C3%A3o-destaca-artigo-da>. Acesso em: 25 de out. de 2020.

SAFATLE, Vladimir. **Bem vindo ao estado suicidário**. São Paulo: Contactos. 2020. Disponível em: Bem vindo ao estado suicidário – Contactos (tome.press). Acesso em 18 de nov. de 2020.

SILVA, Isabel da Conceição.;Santos, Mateus Souza dos. **COVID-19 e população negra : desigualdades acirradas no contexto da pandemia.** Revista Thema, v.18,.p:-301-318.2020.

WALKER, Sheila S. (Org). **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Tradução: Viviane Conceição Antunes. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

ANEXO I

Ariane, 20 anos, estudante de teatro *- (Teófilo Otoni – Belo Horizonte)*

Rotina anterior a pandemia

Eu faço graduação em teatro e também faço curso técnico em teatro, faço dois cursos. Eu saia cedo de casa, moro na moradia (universitária), geralmente eu saio no ônibus de sete e quarenta (7:40) e ficava na faculdade até o último horário do ônibus da moradia que é dez e quarenta da noite (22:40), minha aula do curso técnico terminava dez e meia, dez e vinte (22:30/ 22:20) por aí. Na faculdade eu variava entre a graduação, durante o dia eu fazia as disciplinas da graduação, geralmente eu tinha turno que eu não tinha aula, mas eu preferia ficar lá na faculdade pra poder ficar na biblioteca, dar uma estudada, sei lá, dar uma dormida. Era melhor ficar lá do que vir pra casa, porque essa coisa de ficar indo e voltando pra mim às vezes ficava um pouquinho difícil. Chegava à noite, minha aula do técnico começava às sete (19:00), eu ia pra aula e voltava pra casa de novo. Então na semana minha rotina era essa, eu saía muito cedo de casa e voltava. Almoçava na faculdade, lanchava na faculdade, jantava na faculdade. Mas era essa a minha rotina e final de semana era esse tempo de ficar em casa também, sabe? Geralmente eu saía, ia pra algum lugar, às vezes tinha curso pra fazer também, tinha alguma coisa à noite, mas eu nunca fui de ficar muito dentro de casa não.

Mudanças de planos

Eu quero muito uma mobilidade pra Salvador. Eu tentei no início do ano mas não consegui, eu iria tentar esse ano agora, segundo semestre ou no primeiro semestre do ano que vem, então isso vai ter que ser adiado agora, porque eu quero fazer ainda, mas eu não consigo fazer nesse contexto. Eu tinha muita meta, eu tenho muita meta na verdade, mas foi tudo adiado, algumas coisas eu consigo fazer na quarentena, na medida do possível, eu consigo resolver algumas coisas, mas é isso, nesse contexto é muito diferente do presencial, então querendo ou não, não sai com a mesma eficácia que pelo menos eu esperava, e aí é adaptação.

A minha grande meta era ir pra Salvador, porque isso vem desde 2018. Esse desejo... era pra eu ter ido em 2018 [...], mas nesse início de ano agora não consegui ir né, mas o sonho continua, sabe.

Rotina durante a pandemia

No início foi o período que tudo parou e eu fui para Teófilo Otoni (cidade natal). E quando eu falo que tudo parou, a universidade parou, eu pratico capoeira angola, a capoeira também para, e aí eu vou para Teófilo Otoni e tem esse período ainda de sentir mesmo esse momento, de sentir que a gente precisa se organizar. Aí comecei a fazer uns cursos on-line, outros cursos... a gente estava conversando no início, quando eu falo que eu não parei é porque eu fui buscando essas outras coisas pra fazer, entendeu? Tanto que no início da quarentena foi muito difícil pra mim, porque eu me sentia muito parada. E eu tenho essa necessidade de estar fazendo muita coisa, até dessa rotina que eu já vinha, o dia inteiro fazendo coisa, tinha essa necessidade, meu corpo já estava acostumado a fazer isso também, então eu comecei a buscar essas outras coisas por fora. Comecei a ter contato com pessoas que eu queria muito ter contato, eu fui fazer curso com essas pessoas, sabe? Mesmo que não presencial, mas só de estar em uma sala de reunião on-line já é uma grande coisa. E é isso, fui me organizando assim.

Minha capoeira voltou também, a mestra de capoeira começou a passar os treinos on-line e eu comecei a fazer, uma das coisas que eu retomei primeiro. Com essas aulas on-linee aí eu comecei a fazer outros cursos que eu faço até hoje, é uma outra rotina que eu peguei. Depois disso tudo é o período que reabre, que volta às aulas na universidade e eu começo a me organizar pra poder fazer essas matérias obrigatórias. [...] Além da capoeira, teve essa modificação no meu projeto de extensão que eu participo também, antes da faculdade voltar a gente já estava trabalhando. A gente fazia reunião toda segunda-feira que era o horário da reunião presencial e chegou um tempo que a gente começou a produzir vídeos de contação de história e colocar na página e, assim, começou pela capoeira, depois veio o projeto de extensão, depois eu entrei em outro projeto de iniciação científica também e eu comecei isso tudo antes das aulas da faculdade, então essas três coisas foram três coisas marcantes... que eu senti essa diferença muito grande, depois entrou as aulas da faculdade e é isso tudo que a gente já sabe (risos). Essa confusão, porque a gente pelo amor de Deus, gente (põe a mão na testa) que confusão é essa?!

Eu acho que eu peco muito em reservar horário pra comer. Eu não reservo horário para comer, eu como nos intervalos das aulas, eu tenho uma certa dificuldade, logo no início eu tive mais dificuldade, mas hoje mais ou menos eu consigo me organizar com relação a isso, mas essas coisas básicas às vezes não me atento.

Renda

A única renda que eu tinha antes da pandemia é do projeto de extensão do qual eu fazia parte e aí esse projeto não parou, eu continuei recebendo desse projeto. Uma coisa que modificou foi esse gasto a mais com comida, com alimentação... mas à medida que esses gastos eles vão aumentando, por exemplo, eu consegui receber o auxílio (da assistência estudantil da universidade), fui para minha casa (em Teófilo Otoni) de uma maneira estratégica para não gastar tanto dinheiro né... porque eu sei que eu ia ter mais gastos aqui, por conta de algumas coisas que pararam e lá na minha cidade, como não tinha ninguém parado, eu percebo que eu gastaria menos, então eu não tive tanto impacto negativo pro financeiro não, por conta dessas adaptações que eu fiz**,** que eu tive a possibilidade de fazer que é voltar para minha cidade, eu não perdi a bolsa da faculdade, eu voltei para minha cidade consegui receber o auxílio (emergencial) de seiscentos reais, consegui receber esse auxílio da assistência estudantil também, eu não senti tanto impacto não, em relação a esse financeiro.

Convivência familiar e mudanças nas relações

Lá em Teófilo Otoni eu consegui ficar esse tempo bem próxima da minha família, da minha mãe, é tanto que eu, com outro amigo, idealizei um projeto na pandemia [...] que nos aproximou, lógico que tem alguns conflitos quando eu vou para Teófilo Otoni porque eu não moro lá, aí quando a gente chega, eu não me sinto nesse lugar de poder falar *abaixa o som porque eu tô tendo uma reunião,* sabe? Porque aquilo ali é um espaço do meu irmão, porque ele gosta de som e ele gosta de ter um som alto. Ali é um espaço do meu irmão, que ele vive todo dia e aí eu chego, uma pessoa que não moro lá e a casa sofre esse impacto, teve alguns momentos de divergência, de discussões, mas a gente conseguiu manter bem e aqui quando eu volto para Belo Horizonte é assim: eu sempre tive um contato bom com as meninas, tenho uma relação boa com elas e hoje a gente fica mais tempo na sala, na cozinha... a gente não conseguia ficar.

Percepção sobre os cuidados individuais e coletivos

Eu acho que lá na minha cidade esse movimento estava mais rígido, né, porque quando eu cheguei aqui em casa [BH] isso estava mais folgado, sabe? Essas medidas de segurança estavam mais folgadas. [...] Então, automaticamente… por exemplo, quando eu ia no centro da cidade [Teófilo Otoni] eu ia com uma roupa e comprava aquele tanto de coisa na sacola e vinha, eu não entrava em casa, lá fora mesmo já borrifava o álcool, entrava, colocava

aquela roupa, na roupa suja e já ia direto tomar banho. Aqui [BH], por exemplo, eu entro em casa com as sacolas, eu coloco as sacolas no chão e depois eu pego o borrifador e coloco na sacola, então assim, eu já dei uma afrouxada, na minha cidade eu não faço isso. As meninas aqui em casa elas não fazem isso, eu sou a única que faz isso aqui e aí quando eu chego aqui e percebo que elas não fazem isso, que elas só passam na mão eu fico assim: - *Gente, mas o povo interior está mais abismado, tá bem mais abismado, tá bem mais com medo*. E aí é isso, hoje em dia eu continuo, eu tento continuar a questão das máscaras, que passou a fazer parte já, estou usando máscaras sempre, minha mãe falou que era para eu ficar de máscara aqui dentro de casa (risos). Mas é assim, ela, de lá, tá muito preocupada, ela está muito preocupada comigo, porque ela sabe que aqui, por uma série de coisas, aqui tá bem mais perigoso do que lá.

Percepções sobre atuação de governantes

Nossa, a gente ficar sem um ministro (da saúde) no meio de uma pandemia eu acho que isso já tá dado, acho que o impacto que a população vai sofrer negativamente, o impacto que essas pessoas, que esses grupos subalternos eles vão sofrer mais que esses outros grupos que é elite, isso é muito nítido, desde alimentação até a educação, até ao acesso à educação para as crianças e para os adolescentes localizados em determinados espaços**,** então todas essas não decisões elas possibilitaram esse lugar, é lógico que, a gente tem, eu tenho esse entendimento, de que é um momento muito difícil, que é um vírus que vai desenvolver muito rápido que não sei quê, não sei quê (*sic*), mas tem essa possibilidade da não resolução também, da não diminuição do problema, da não diminuição do impacto na vida de pessoas, de determinadas pessoas, porque eu acho que todo mundo foi afetado, né, acho que todo mundo foi afetado, mas tem pessoas que podem ficar sem trabalhar e vão conseguir sobreviver dois meses, um mês, por exemplo, estou falando do ponto de vista do trabalho só para dar um exemplo, mas tem pessoas que ficam sem trabalhar e não conseguem sobreviver um dia, uma semana.

Eu acho que é uma confusão, que se ela não é resolvida em sua causa atinge negativamente nós, pessoas que não têm as mínimas condições, e eu percebo que tem uma tentativa desse presidente de dizer que é só uma gripezinha que só não sei quê que é só, que é só (*sic*). Tem outras opiniões que dependem dele dentro daquela corja lá e aí você vê uma guerra, você vê uma guerra que as únicas pessoas que são mais prejudicadas somos nós, pessoas que precisam de dinheiro, por exemplo, que precisa de um sistema de saúde eficaz e

que nunca teve, né gente, eficaz nesse momento, eu percebo que essa confusão de ideologias, de pensamento, de considerar que não é uma coisa grandiosa, isso só nos atinge, dificulta nosso desenvolvimento de coisas mínimas, que é sobrevivência, simplesmente.

Uma figura dessa (o presidente) movimenta, muita irresponsabilidade muita, muita, muita, sabe?! (coloca a mão sobre a testa) E eu acho que é em tudo, assim, por parte dessas pessoas que tem essa imagem que outras pessoas vão ver e vão projetar e por parte também da mídia... a mídia é essa responsável que movimenta as coisas, essas informações elas vão influenciar as outras pessoas e uma fala dessa de um presidente é óbvio que... nossa [...] sabe, muito louco, a gente tá vendo essa possibilidade de ter uma visão crítica sobre a coisa, de ter um ambiente de debate e tem pessoas que não tem, por uma série de questões, não tem… então a influência é muito maior.

Impressões sobre o isolamento

Eu acho que quando tem um vírus que vai se propagar pela presença das pessoas, por aglomeração e por tudo isso, eu acho que qualquer medida de distanciamento de diminuição é legítima, eu acho que realmente é legítimo fechar os comércios, mas por outro lado a gente vê que tem uma taxa de desemprego altíssima e as pessoas que antes sobreviviam com pouco hoje ou algum tempo atrás, não sobrevivem com nada, essa dificuldade passa a ser muito maior, então eu acho legítimo sim, essas medidas de distanciamento, isso tudo, toda essa movimentação... mas eu também acho que, por exemplo, esse auxílio de seiscentos reais ele não cobre o fechamento, ele não cobre essas medidas, não cobre o que se propõe, uma família não consegue sobreviver com seiscentos reais.

Agora eu só fico em casa, coisinha mínima que eu ia alí e comprava, hoje eu já compro pela internet. Ir no mercado, por exemplo, duas vezes na semana ou todo final de semana, hoje eu vou uma vez na semana ou eu quase nem vou, sabe. Então... mudou sim, mudou muito pelo menos na minha cidade (Teófilo Otoni), por exemplo, eu não andava muito de ônibus (em BH), cidade pequena é bom porque dá pra fazer as coisas tudo a pé, eu tinha essa alternativa de não andar de ônibus geralmente, não saía muito de casa também, só saía para coisas essenciais.

Sobre o retorno das aulas durante o isolamento

Eu falo desse lugar de pessoa privilegiada, que tem um notebook, que tem uma internet. Eu fico vendo a situação dos meus amigos, assim, de gente que mora no interior sabe?! Eu tenho um amigo que precisa andar não sei quantos quilômetros, que entrou na universidade agora no curso de teatro que precisa andar não sei quantos quilômetros para poder fazer uma aula, gente... e às vezes não consegue fazer, [...] é muito difícil na zona rural pegar internet, tem lugar lá que só pega 3G[...] E aí, perde, é aquela discussão que eu tava muito presenciando antes no curso técnico e na graduação também, essas pessoas que não vão ter acesso, além desse ensino online diminuir a qualidade dos nossos estudos, não é todo mundo que vai ter isso, porque tem uma certa parcela que vai ter mesmo com a qualidade diminuída, mas tem uma certa parcela que não vai ter, de jeito nenhum, por N motivos.

Saúde mental e Lazer

Tem dias que eu estou bem de boas, no início foi um pouco mais puxado porque eu parei muito rápido, foi uma parada muito brusca, eu senti que eu fiquei mais ansiosa, tive muito mais dificuldade para dormir, pra comer também.

[...] Eu sou do teatro, então a gente está sempre em movimento, movimento físico mesmo, esse movimento corporal com a pandemia as aulas do teatro pararam, eu continuei com a capoeira, [...] e aí com o isolamento eu passei a treinar três vezes na semana. Então eu tenho uma rotina diária de treino e eu comecei a fazer também yoga, na verdade comecei a fazer kemetic yoga, a yoga de base africana, foi uma descoberta também, que eu pude fazer nesse contexto [...] é isso eu não fiquei parada não, eu fiquei mais em movimento. [...] Fazer kemetic yoga é… um hábito que eu desenvolvi que eu pretendo manter. cuidar de planta também, plantar as plantinhas, fazer chá, eu não fazia chá. Aqui em casa, tem uma erva cidreira, só que aí eu trouxe mais uma lá de casa também, mais uma muda de erva cidreira, aí plantei pra poder fazer um chá sempre, um gengibre… plantei um gengibre também para poder colocar no chá. Essas coisas viraram rotina para mim.

Lazer? (risos). [...] eu preciso pensar sobre isso, porque eu não sou muito de pensar nesse momento de lazer não, quando chega o final de semana eu tô cansada e aí preciso, sei lá, estudar e eu não consigo porque estou muito atarefada no meio da semana e não consigo estudar, fazer minhas coisas, então eu uso meio de semana, final de semana.

Final de semana às vezes eu ia no samba, no viaduto de Santa Tereza, eu considero isso como lazer, ir ao cinema assistir algum filme, ia no cinema assim, não frequentemente, mas eu ia ao cinema e em algumas rodas de capoeira, em alguns eventos... é isso assim, é gente...

Estratégias de sobrevivência aprendizados do período

É, e o único meio é esse, a gente não tem muito pra onde correr, e é isso: adaptação, a gente precisa se adaptar.

Com a minha vinda para Belo Horizonte eu passei a ter mais contato com a minha mãe, antes eu já tinha, ligava, mas eu percebi que essa tem sido uma estratégia: manter sempre esse contato por chamada de vídeo mesmo pra eu ver, com meu irmão também, e... essas continuidades de algumas coisas que eu comecei a pensar essas adaptações, tensionar essas adaptações, também tem sido um dos caminhos então tem algumas coisas que eu preciso me adaptar, preciso me adaptar. Uma estratégia que eu percebo é a vinda para Belo Horizonte, eu vim para cá por conta do espaço, porque meu quarto aqui é um espaço maiorzinho (olha para os cantos do quarto) aqui na sala da minha casa, a sala da minha casa é muito grande eu consigo desenvolver algumas coisas que lá em Teófilo Otoni eu não conseguia e aí quando eu não conseguia baixava a frustração e isso contribuía para a minha ansiedade, e aí eu não ficava bem mesmo estando dentro de casa, mesmo estando perto da minha mãe, porque minha casa é muito pequena, então geralmente quando eu precisava fazer algum exercício eu tinha que desmontar a mesa da cozinha para poder conseguir fazer algum exercício mas mesmo assim é um espaço muito pequeno. Então uma das estratégias que eu adotei foi voltar para Belo Horizonte por conta do espaço e continuar também esses outros projetos, mesmo que no virtual.

Outra adaptação foi me curvar a esse contato virtual, pensar essa produção, pensar uma produção para o vídeo, sabe, para esse audiovisual... não sei, mas eu acho que essa tem sido a minha maior adaptação, pensando no financeiro consigo me organizar ainda e... acho que não aceitar, mas procurar formas de não me sentir tão mal com reuniões online, com tudo online, eu tive que adaptar alguma coisa em mim para que eu consiga ficar bem comunicando dessa forma que eu estou me comunicando com vocês, por que é uma das saídas, saída não, é o que tem.

Expectativas pós pandemia

Eu não sei o que eu espero, eu não sei, eu acho que já está tendo um impacto negativo muito grande na vida das pessoas, mas eu espero que essas pessoas, essas pessoas mais prejudicadas, elas consigam de alguma forma continuar mesmo que... continuar se adaptando, sobrevivendo, e tendo resultados positivos, minhas expectativas são essas… acho que cada tempo é cada tempo, acho que não sei se as pessoas vão voltar melhores não, tem muito dessa coisa, né, tem muita essa colocação que a gente fala que as pessoas vão voltar mais solidárias, eu não sei não, sei não, acho que é isso cada tempo é cada tempo. Agora as pessoas estão solidárias, algumas, porque uma série de coisas está acontecendo em que elas foram forçadas a fazer isso de alguma forma, elas foram colocadas nesse lugar, a gente faz alguma coisa porque esse momento pede isso, né, o momento pós pandemia ele pode pedir outra coisa, ele pode pedir o que a gente já estava acostumado, habituado que era essa questão de tudo ali na hora, presencial e tal, então isso vai gerar outras coisas podem ser positivas ou não, mas não necessariamente por conta dessa pandemia. Eu acho que o financeiro, o econômico, eu acho que isso vai ter um impacto muito grande, muito negativo e que já tá tendo, por exemplo, muitos empresários perdendo suas empresas, seus negócios fechando e outros, não só empresários, né, outros lugares também outras coisas fechando, param de funcionar eu acho que esse impacto econômico vai ser muito, vai ser muito... a questão da saúde eu acho que vai ter um impacto muito negativo nesse pós pandemia aí mas o resto eu não sei.

Ana, 36 anos, assistente administrativa e mestranda em Educação - *(Ribeirão das Neves)*

Rotina anterior a pandemia

Antes da pandemia, a minha rotina era muito atribulada por conta dos deslocamentos. Eu saía, pego serviço de três da tarde (15:00) às oito da noite (20:00). Tinha que sair mais cedo, deixar meu filho na moça que olha ele. Uma hora da tarde (13:00) já tinha que tá no ponto, para pegar o ônibus, deixava ele, ia pro ponto, aquela pressão de não chegar atrasada. Meu marido sai bem mais cedo. Ano passado eu fiquei com uma rotina mais atribulada, porque foi o primeiro ano de mestrado e em dois semestres eu tinha que fazer combinados na escola, porque como a jornada é de seis horas, complica um pouco as coisas, tinha vezes que eu ia trabalhar de manhã e às vezes que eu ia no meu horário mesmo pra eu conseguir fazer

disciplinas de manhã e à tarde, eu fiz uns arranjos. O deslocamento também, do trabalho para a faculdade e da faculdade para a escola. No sábado eu fazia projeto de extensão de oito da manhã (8:00) às seis da tarde (18:00). Então assim, a rotina ficava bem cheia. O deslocamento daqui até o trabalho era um deslocamento de duas horas.

Rotina durante a pandemia

A diferença que eu sinto hoje estando em teletrabalho é justamente essa que eu ganhei mais tempo, sabe? Apesar de que ainda tenho funções na escola, da faculdade, do projeto de extensão e do mestrado e estando em casa, a sensação que eu tenho agora com o teletrabalho... sinto que as coisas fluem melhor. O meu filho estando em casa e meu marido estando em casa eu não preciso ficar correndo pra me deslocar. Eu consigo organizar a minha rotina aqui, mas é claro que atrapalhou, né, não sei se vamos chegar nisso, mas o que foi pesado na pandemia não foi nem essa questão da rotina, a rotina mudou pra melhor, foi a angústia, o medo, principalmente nos dois ou três primeiros meses, porque minha mãe trabalha, ela é faxineira, e a faxina virou trabalho essencial. E ela mora com a minha avó de noventa anos, então no início eu tinha muito medo de pegar esse negócio, ela trabalha um dia sim e um dia não. E quando ela não tá, minha tia fica lá, e minha tia mora com a filha dela, que é técnica de enfermagem no Risoleta Neves. Eu fiquei super preocupada, minha mãe também ficou preocupada de levar esse negócio para minha vó, porque ela tava circulando nos ônibus. E assim quatro, cinco horas da manhã (4:00/ 5:00) o ônibus tava lotado e ao invés de aumentar os ônibus, eles diminuíram. Está tendo mais aglomerações nos MOVE'S, nas estações. Minha mãe tomou todos os cuidados, ela trabalhava no shopping, mas o shopping fechou, ela foi deslocada para outra empresa, aí na outra empresa tiveram vários casos de coronavírus, e eles levam o laboratório para testar o coronavírus, mas ela não foi testada porque ela é terceirizada, aí a gente ficou meio assim, ela trabalhando no meio de um tanto de gente com essa doença.

Antes da pandemia, como eu trabalho seis horas (6h) e meu marido dois horários, eu ficava muito com as coisas da casa. A parte da manhã eu adiantava muita coisa, levava o menino pra babá, e agora como ele também está em casa, a gente divide mais, porque ele tá no teletrabalho também, eu estou no teletrabalho, na parte da escrita, mas como estamos aqui em casa mesmo é mais fácil de organizar as coisas domésticas.

Mudanças nos planos

Olha, eu tive que reformular todo meu trabalho de mestrado, porque eu tinha previsto ações para desenvolver na escola com os estudantes, eu tive que mudar tudo, isso é uma coisa que me desgastou e me desgasta até hoje. A defesa estava prevista pra março do ano que vem, o trabalho diretamente em duas instituições de ensino e agora eu já não sei mais se eu vou defender até março do ano que vem mas, agora eu não sei como fica isso.

Renda

Olha, ficou a mesma coisa. Não fiz uso (do auxílio emergencial), porque eu trabalho na prefeitura, e lá os salários foram mantidos. A gente tá reduzindo gastos, reduziu gasto de transporte, não tem mais o transporte descontado no salário [...] esses cinco meses, foi um período até de certa economia, de coisas que fazíamos antes e agora a gente não está gastando, só fica em casa. Não estamos gastando com transporte do fim de semana, não gastamos com cinema, com nada, a gente está quieto em casa e fazemos coisas aqui em casa mesmo que sai até mais barato.

Convivência familiar e mudanças nas relações

Nunca na minha vida tinha ficado assim, vinte e quatro horas convivendo com meu marido e meu filho. Não tem como não afetar conviver tanto, e você acaba tendo mudanças de ideias, você vai vendo o jeito que a pessoa organiza as coisas domésticas, aí você não gosta, até pequenas coisas que antes de conviver desse jeito era impossível ver. Mas por outro lado, estou achando legal essa parte de estar com meu filho o tempo todo e estar vendo de pertinho, porque antes eu deixava ele com a babá às dez e meia da manhã (10:30) e já ia para o trabalho e agora não. Eu chegava em casa umas dez, dez e meia da noite (22:00/22:30) e ele estava dormindo. E agora eu acompanho o dia a dia todo dele, ele não tem ido na escola, então eu tô sentindo isso, de estar acompanhando o desenvolvimento dele. Mas teve essa coisa de alterar e de convivência.

Percepção sobre os cuidados individuais e coletivos

Aqui em casa estamos seguindo. Na casa da minha mãe, ela tem que trabalhar, minha avó já não sai de casa mesmo. Todos meus tios, são três tios que tenho por parte de mãe, eles estão seguindo. Meus primos todos estão trabalhando, não pararam de trabalhar nenhum dia. Mas eles também só vão trabalhar, ninguém fica indo em festas, só mesmo trabalho, não tem

jeito. De modo geral, as pessoas que convivem comigo têm tido medo, eles ficaram com muito medo, e tem se prevenido. Agora, o que eu observo aqui no meu bairro e ao redor é que eu vejo a vida rolando como se nada estivesse acontecendo, sabe? Eu vejo os meninos soltando papagaio, os bares lotados, isso o tempo todo. Não é nem agora da reabertura não, desde o início, e eu vejo assim as pessoas se arriscando, agora ainda mais.

Eu fui ao centro (de Belo Horizonte) outro dia, levei meu álcool gel dentro da bolsa, máscara e tudo. E foi chocante, porque eu vi gente sem máscara, eu vi um adolescente sem máscara. Você vê que às vezes (a pessoa) tá com a máscara na bolsa, sem usar, o que eu vi mesmo foi adolescente sem máscara. Mas eu vi um caso de um cara que estava sem máscara e quando chegou na estação ele colocou a máscara, então eu acho que falta consciência, é preocupante, é muito importante que todo mundo esteja de máscara pra gente se resguardar.

Percepções sobre atuação de governantes

O Ministério da Saúde poderia ter feito muito mais, poderia ter apoiado as medidas de contenção que foram tomadas, poderiam ter conscientizado, poderia ter feito mais coisas na televisão, nas próprias declarações poderiam ter feito falas favoráveis. Eu acho que teve muita mentira e os órgãos federais não desmentiram as fake news, não desmentiram. Eu acho que no fundo eles queriam assim: *a gente não vai fazer nada para impedir não, se morrer não vai ser nossa culpa, mas a gente não vai fazer nada para reforçar*. A política deles foi essa de meio termo, de não impedir, pode até ter tido tentativas, eu acho que a coisa foi mais discursiva, o discurso deles não ajudou, o discurso, sabe? Realmente o fato de estarmos sem ministro da saúde até hoje demonstra isso, realmente assim as estratégias não foram bem traçadas não.

Eu acho aqui no caso de Ribeirão das Neves e Belo Horizonte, que são as regiões que eu mais circulo, acho que teve até um movimento interessante assim de fechamento, mas eu acho que no caso das medidas em Neves, tirando o ônibus, de fechamento de bares, escolas e em BH também, foram medidas interessantes, mas acho que teve um movimento de não levar a sério, eu acho que o que parou foi a questão do governo federal, se fosse um governo em sintonia com as medidas dos municípios, eu acho que as pessoas teriam se apropriado melhor desse discurso. Poderia ter saído melhor.

Eu considero de extrema importância todas essas medidas, inclusive a medida que partiu do governo federal, mas que foi uma luta do congresso, sobre os valores (do auxílio emergencial). Acho que foi de extrema importância, de grande impacto social a distribuição

dessa renda, e no caso da prefeitura e de algumas instituições também de distribuição de algumas cestas básicas. Eu acho que todas medidas que são para ajudar nesse período, que muita gente realmente ficou sem renda, os trabalhadores informais e eu acho que isso foi muito útil, muito positivo. Eu não fui afetada diretamente não, no caso de fazer uso, eu não fiz não, mas considero super positivo.

Impressões sobre o isolamento

Olha, tudo em relação ao isolamento social eu achei que foi muito bem feito exceto sobre o transporte público, até aqui em Neves também. Em relação aos outros pontos eu achei bem feito. Agora sobre os ônibus eu achei que não foi bem feito, ao invés de manter a frota, diminuir, acabou causando aglomeração. Em relação a escola, bares essas coisas, foi muito bom porque não tinha outro jeito. A gente já está aqui numa situação ruim, se não tivesse tido o mínimo de isolamento que teve eu acho que estaria muito pior. Mas o que eu observo aqui no bairro é que praticamente não foi cumprido, no comércio mesmo só as grandes lojas fecharam, o comércio pequeno continuou abrindo, se você chega aqui nos bares tem muita gente bebendo, sem máscara, aglomerado. E agora eu estou achando preocupante, porque não chegou num estágio bom da pandemia para reabrir.

Saúde mental e lazer

Percebi muita ansiedade, para dormir até hoje eu tenho dificuldade. Além disso, eu acho que é bem mais fácil a gente se sentir triste, nos dois primeiros meses, quando a coisa estava bem recente, eu fiquei bem preocupada com relação a minha avó e isso realmente mexeu comigo, eu não conseguia produzir, não conseguia fazer nada. A única coisa que eu consegui fazer para tirar um pouco dessa coisa é pegar um livro de literatura e ler, e distrair e viajar para outro universo, eu não conseguia me concentrar em muito mais coisa não. Eu fui conseguir fazer alguma coisa a partir do terceiro para o quarto mês, que eu consegui me concentrar. Mas ainda assim eu fiquei muito ansiosa, muita coisa (silêncio). Agora com a abertura... essas coisas causam ansiedade.

Antes da pandemia o que eu tinha vontade de fazer, mas nem sempre tinha tempo... eu gostava de ir ao cinema, eu gostava de ir ao shopping levar meu filho para brincar no parquinho. Eu ia muito no parque ecológico com ele, parque municipal... sempre que tinha alguma coisa legal, gratuita, a gente ia, procurava saber para ir. Mas basicamente é isso, cinema, shopping e parques. A gente tinha os amigos que vinham aqui, a gente ia lá também.

Eram coisas que a gente fazia.

Eu acho que minha alimentação depois da pandemia está mais saudável [...] antes eu ficava gastando dinheiro com fastfood, e agora não, agora eu posso, eu consigo tomar café da manhã, almoçar e jantar comida feita em casa. Às vezes, eu peço uma coisa, mas é muito raro. Antes da pandemia, como eu ficava nessa coisa de correr eu tava comendo muita bobagem.

Eu nunca pratiquei (exercício físico), e agora em casa eu também não tô praticando, né, [...] eu estou muito sedentária, mais que antes, porque antes eu andava, descia até o ponto, eu caminhava, agora eu não tenho feito nada.

Estratégias de sobrevivência aprendizados do período

Com a pandemia veio muito curso, live, muita coisa relacionada a literatura, muita coisa que eu gosto. A rotina mudou, a gente tem que criar uma estratégia de adaptação.

A principal adaptação que eu tive que fazer na minha rotina, eu acho que foi essa coisa de me autogerenciar. Antes eu tinha os lugares para onde eu ia, eu tinha tudo certinho, e ai agora eu estou tendo que fazer esse movimento de me gerenciar, de fazer o que eu tenho que fazer, às vezes, eu me pego meia noite (0:00) fazendo alguma coisa de trabalho, às vezes, eu me pego aqui fazendo coisa de escrever, mexendo na dissertação altas horas. Então assim, o desafio é equilíbrio, porque às vezes quando você não tá legal, chega no trabalho você esquece, chega na faculdade você esquece, aí como tá tudo concentrado no mesmo ambiente, eu tive que fazer esse movimento de disciplina e gerenciamento, dar conta das tarefas e também dar conta também da casa, do descanso, de tudo.

[...] Eu me sinto até uma sobrevivente nisso.

Expectativas pós pandemia

Fiquei pensando em como vai ser essa vacina, se a gente de repente vai vacinar e se vai ter que vacinar direto. Eu fico com muitas dúvidas em respeito a como vai ser esse processo de imunização. Eu acho que realmente o que vai deixar a gente mais tranquilo é a vacina, eu estou com expectativa que saia uma vacina aí para gente.

[...] Eu não sei muito, as pessoas boas vão ter sentimento de solidariedade e as pessoas ruins, essas maldades são ressaltadas, sabe?! E às vezes eu fico pensando: *gente que eu não sabia que era tão egoísta eu fiquei sabendo agora*. Realmente eu fico pensando que vai ficar

pior quando acabar o corona, que vai ser uma coisa que vai vir pesado para gente, essa coisa deles falarem que gastou com a gente, gastou com as pessoas, os serviços todas sucateados, fico pensando no impacto disso nas populações, a gente aqui na periferia, nos que são mais pobres que a gente ainda. Sinceramente, eu não vejo que a pandemia vai alterar essa questão de solidariedade, não acho que vai trazer algo novo. Eu acho que virão coisas muito pesadas e muito difíceis, que vamos ter que nos organizar. Coisas muito difíceis, destruição de direitos, do meu ponto de vista pessoal eu não acho que vai melhorar, essa perspectiva aí que vai mexer com as pessoas, eu acho que ressaltou o que há de bom e o que há de mal.

Maria, 60 anos, salgadeira e comerciante - *(Santa Luzia)*

Rotina anterior a pandemia

Eu levantava às cinco horas da manhã todos os dias, ia para lanchonete, trabalhava até uma hora da tarde (13:00) aí, eu fechava e vinha para casa. Nesse intervalo que eu ficava à toa, eu descansava durante o dia ou ia pra hidroginástica dava uma descansada e abria de novo a lanchonete quatro, cinco horas da tarde e trabalhava até nove horas da noite, esse horário já vinha para casa e descansava, ia dormir, me preparar para outro dia de novo, cinco da manhã de novo, e assim de domingo a domingo, não tinha assim nem um dia de descanso, então era uma rotina bem agitada. [...] essa rotina minha era todos os dias, o ano todo, então ficou muito difícil para mim, pensar que eu ia ter que parar e ficar dentro de casa.

Rotina durante a pandemia

As duas primeiras semanas foram muito difíceis, eu acordava cinco horas da manhã e não ter para onde ir, saber que eu não ia sair de casa, e preocupar também com a manutenção...continuação da vida, então foi muito complicado no início, só que duas semanas depois eu comecei a pensar: *a gente tem que pensar alguma coisa para fazer*, *eu não vou dar conta disso.* Aí eu, mais minha filha, resolvemos fazer máscaras (de tecido) e eu achei que não tinha mais condições de aprender mais nada, que com sessenta anos, eu não queria aprender mais nada, queria continuar fazendo o que eu fazia, aí minha filha me ensinou a medir e a cortar as máscaras para ela, eu cortava e ela fabricava (costurava). E quando a gente tava fazendo as máscaras, a gente passava o dia todo por conta das máscaras. [...] Não sei se

as coisas vão melhorando, mas, eu tô voltando a trabalhar aos pouquinhos, já voltei, não estou ficando o dia todo na lanchonete, mas estou, pelo menos na parte da tarde, já deu uma melhorada boa.

Renda

[...] Eu fui aprender a fazer alguma coisa de costura pra desenvolver junto com minha filha, a gente conseguir desenvolver, trabalhar e ganhar um dinheirinho pra gente complementar a renda da gente. [...] pra gente manter as contas da gente, porque graças a Deus até hoje a gente não tem vencido uma conta, para poder falar assim: *eu não deixei de pagar uma conta nessa pandemia*, então a gente trabalhou muito pra isso, entendeu? O auxílio emergencial foi crucial sim, ajudou muito sim, mas não daria para gente manter as contas da gente, o padrão, a alimentação, essas coisas todas.

Convivência familiar e mudanças nas relações

A gente não tinha assim esse tempo de ficar dentro de casa, levantar junto, sentar junto pra poder almoçar. Então isso foi muito importante, foi muito bom para relação da gente porque a gente passou até a se conhecer melhor [...] foi muito bom para o conhecimento da gente. [...] Assim, tem muita coisa negativa, mas tem muita coisa positiva também, que eu mais minha filha, a gente sorri muito, a gente conversa muito, mas a gente também, tem as divergências. Porque não tem jeito, ser humano, né?

Estou trabalhando menos, mas estou trabalhando. Mas eu tenho assim, muito cuidado, eu não tenho que cuidar só de mim, né? Tem minha filha que eu tenho que zelar por ela, eu preocupo também com meus clientes, eu tenho muito cuidado com tudo. Trabalhar para mim já não é mais como antes, eu trabalhava tranquila, chegava, atendia, batia papo sem máscara, sentava perto dele (cliente), abraçava... gosto de chegar apertar a mão, de abraçar, comigo sempre foi assim. Porque eu trabalho num lugar onde eu conheço todo mundo, todo mundo tem amizade. Então, mudou muito, muito mesmo, mudou muita coisa.

Percepção sobre os cuidados individuais e coletivos

Eu acho assim que às vezes as pessoas pensam que a gente até exagera um pouco, porque eu e minha filha, a gente ficou em casa quatro meses, e tem quatro meses que a gente estava dentro de casa sem fazer "nada". Minha filha sai uma vez por semana e vai ao mercado comprar alguma coisa e eu também tava ficando só dentro de casa [...] então a gente se protege, eu tenho que me proteger da melhor forma, minha filha continua dentro de casa, só sai uma vez no mês para ir ao banco e uma vez na semana ela vai ao mercado.[...] E assim, se eu andasse um quarteirão aqui na rua eu já voltava para casa, largava o chinelo lá fora, tirava a roupa, já ia pro banheiro tomar banho. [...] Aí a gente vai se protegendo, usando álcool gel, lavando a mão toda hora, é necessário lavar a mão. E a gente vai fazendo assim para se proteger. A gente não sai de casa sem máscara de jeito nenhum, se eu tiver que trabalhar o dia todo, eu trabalho de máscara.

[...] É uma preocupação muito grande porque eu tô vendo, que tá tendo um preconceito muito grande (...) quando alguém tá com Covid, entendeu? Às vezes seu vizinho, do lado tá mas fica tentando ocultar, não quer que ninguém fique sabendo. Tô vendo que há um preconceito muito grande, e quando comenta com você ainda diz: *não comenta com ninguém não*, porque o pessoal fica preocupado, né? Mas, eu acho que tem o perigo do contágio, se você se contaminou tem que falar com as pessoas que você está contaminado. Porque as pessoas vão ter mais cuidado né, mas, infelizmente aqui no nosso bairro, o pessoal não tá muito preocupado com a doença.

O povo não está se protegendo. [...] Na verdade eu acho que o povo não tá acreditando. Apesar dos números de pessoas infectadas, de mortos, de óbitos, as pessoas não estão acreditando.

Eu tenho a lanchonete lá, e assim, eu tô atendendo o pessoal da porta para fora, já coloquei cartaz para não ir sem máscara pra chegar higienizar a mão, mas ninguém faz isso. [...] É engraçado que uma criança chega e me pede álcool: *cê põe um tiquinho de álcool na minha mão?* E o adulto já não, você oferece e ele fica rindo.

Percepções sobre atuação de governantes

Eu acho que foi tudo muito complicado, tanto o governo federal, quanto o governo estadual, quanto o prefeito da minha cidade, eu acho que eles... muitos deles não souberam lidar com a pandemia, não. [...] Nem o presidente, nem o governo de Minas, nem o prefeito da minha cidade. Então eles todos não levaram a sério essa epidemia. Essa questão aí do auxílio emergencial eu acho uma coisa muito bacana, ajudou muita gente e eu acho que foi uma coisa boa que foi feita, porque o resto deixou muito a desejar. [...] as coisas são todas baseadas em lei e são eles que formam, né? Então acho que a gente foi muito afetado. [...] Queria ter tido mais ação pra combater essa pandemia, devia ter tido mais agilidade porque se tivesse feito a coisa certa desde o início a gente não estaria nessa situação que a gente tá agora. Se tivesse sido uma atitude do presidente, do governador, de fechar tudo, já que vamos parar, vamos parar. E vamos esperar, né? Mas fica, abre e fecha o comércio, abre e fecha comércio, então a gente ficou muito apertado.

Com certeza, com certeza esse número (de mortos e infectados) poderia ser bem menor, se tivesse sido feita a coisa certa desde o início. [...] Se o nosso presidente não tivesse achando que é uma gripezinha, fazendo aglomeração, né, porque o pessoal segue exemplo [...] Ele ficou aí, dando exemplo pras pessoas, tá fazendo aglomeração, saindo pra rua pegando na mão das pessoas, ele não ajudou.

E ainda sobre a atuação do Ministério da Saúde: pra lidar com epidemia teria que ser médico, né? Acho muito triste a situação que o país tá passando, não ter um médico no Ministério da Saúde. Então acho que tá lidando bem com isso não.

Impressões sobre o isolamento

Na realidade eu achei uma loucura, né?! Meu Deus, quando eu imaginei que ia acontecer uma coisa dessas. Ver uma criança não ir à escola. Eu acho que a parte mais triste foi essa, de ter tirado as crianças da escola. Eu acho muito difícil, é muito difícil a aceitação... a pessoa não ter onde comprar as coisas, mas tinha que ter sido feito, né, fazer o quê?! tinha que ter sido feito e o pessoal fica aí achando que as crianças tem que voltar para escola. Eu acredito que não é hora. Enquanto não tiver vacina a criança não deve de voltar para escola, e essa questão do transporte público, é uma coisa muito complicada, o transporte público já não conseguia atender... atender o estado, a cidade, sem a pandemia, imagina com pandemia, porque o transporte público sempre foi uma coisa muito complicada.

Saúde mental

Tive dificuldade, muita dificuldade para dormir. Comecei a sentir muitas dores nas pernas. E muitos pensamentos ruins. Eu já gostava de tomar uma cervejinha, passei a tomar mais cervejinha todos os dias, pelo menos duas latinhas, todos os dias. Então eu comecei a pensar que estava virando vício, chegou num ponto que eu pensei: *tenho que trabalhar*, porque se eu continuasse dentro de casa, isso não seria bom. E aí eu voltei a trabalhar, a fazer exercício físico que antes eu fazia hidro, hoje eu faço pilates, voltei a fazer exercício, voltei a trabalhar, e, parei de tomar a cervejinha.

Eu sempre tive muito cuidado com alimentação... eu acho assim, se você gosta muito de uma coisa, você tem que amenizar em outra. Eu tomo muito suco verde, eu me alimento comendo muito pouco massa, eu me cuido muito desse lado aí de alimentação

Estratégias de sobrevivência aprendizados do período

Andei fazendo os cursinhos aí na internet, aprendendo umas coisas bacanas na internet, que eu não fazia antes. Hoje, ainda faço, ainda tô fazendo. Tem coisas que eu aprendi que vai ser pra vida toda. [...] A atividade que eu gosto é exercício físico mesmo, que é uma coisa que eu gosto muito e pretendo continuar. [...] Hoje eu já tô trabalhando na parte da tarde, de segunda a sábado, eu trabalho na parte da tarde e na parte da manhã eu estou fazendo exercício físico, pilates duas vezes na semana.

A gente passou a fazer máscara e complementar a renda né, graças a Deus a gente não passou dificuldade, mas tem muita gente perto de mim que tá passando muita dificuldade, que não teve, infelizmente, não teve a mesma atitude e possibilidade de se reinventar, né? De fazer uma coisa para complementar então, tem muita coisa triste aí.

Eu também reparei que eu tinha muita coisa dentro de casa que não usava, que a gente tinha muita coisa que não precisava e que poderia tá fazendo falta pra alguém. Aí fiz o varal solidário na porta de casa. E aí, tudo que tinha dentro de casa que a gente não usava e tava guardado eu pus tudo nesse varal: sapato, utensílio de cozinha, até alimentação mesmo.

Expectativas pós pandemia

Eu sonho com essa vacina [...] eu vou ser a primeira da fila (da vacina) pra poder ir pra praia. Porque eu quero ir pra praia, eu quero ver minha família. Eu tenho a maior esperança nessas vacinas aí.

Eu acho que o mundo vai ser outro, eu acredito que eu vou sair muito melhor do que era dessa pandemia. Particularmente, a minha visão pra depois da pandemia eu acho que vai vir um mundo melhor, que eu acho que todo mundo vai aprender alguma coisa, porque não tem como sair de uma situação dessa sem ter aprendido nada, porque é muita coisa que a gente teve que aprender.

MMERE DANE: *o tempo muda*